

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica

Class.: 11

Data: 17/09/91

Pg.:

DINHEIRO DO EXTERIOR

Coiab acusa líderes tucanos de mutretagem

Orlando Farias — Especial para A Crítica — A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira — Coiab — confirmou ontem que os líderes Benedito Machado e Álvaro Tucano, do Alto Rio Negro, região do Traíra, estão mesmo usando indevidamente o nome de sua tribo — os Tucanos — para levantar fundos de organismos internacionais em benefício próprio, segundo denunciou semana passada o comandante do 5º Batalhão Especial de Fronteira, coronel Francisco de Assis Abrahão, em São Gabriel da Cachoeira.

Falando em nome da entidade, o coordenador da Coiab, Orlando Baré, 30 anos, não só admitiu que Benedito e Álvaro estão recebendo recursos do exterior desde pelo menos 89, como ainda fez uma nova denúncia: a mecanização do garimpo do Traíra que estava sendo feita por três jovens da "Juventude Socialista de Genebra", presos e obrigados a deixar o país mês passado, beneficiaria diretamente o capitão-geral dos tucanos, Benedito Machado.

"Eles são líderes indígenas apenas no nome", denuncia Orlando Baré, que não quer ver a sua entidade envolvida com essa "traição aos nossos irmãos índios". Usando a influência de linhagem histórica (seus antepassados foram líderes tucanos), Machado foi o primeiro a abrir o garimpo do Traíra para os garimpeiros colm-



Tucano (E) e Machado (C) foram denunciados por Orlando Baré (D)

bianos, resultando posteriormente no episódio da morte de três soldados brasileiros atacados pela guerrilha. A época, uma informação não confirmada vinculava Machado ao contrabando de ouro e tráfico de drogas.

"Tudo que os dois fazem é em benefício próprio", sentencia Orlando Baré, admitindo também outra denúncia dos militares de São Gabriel da Cachoeira, sobre a prostituição de índias tucanas para servir aos garimpeiros na área de extração de ouro. A Coiab já sabia da ação da dupla no exterior há algum tempo mas confiava na democratização da aldeia para banir "essa prática perniciososa da organização tribal", diz o coordenador, que articula bem o português e foi educado em colégio religioso. Na década passada, Benedito Machado e

Álvaro Tucano foram os expoentes do Projeto Calha Norte implantado numa área fronteiriça de 6 mil km no norte do país com o sul do continente. Os dois assinaram em nome dos tucanos os convênios mais importantes para a implantação de infra-estrutura nas aldeias, como postos médicos, por exemplo, e defenderam o projeto para outras nações do rio Negro que o rejeitavam.

Ao fazer a denúncia contra os dois líderes, o comandante do 5º Batalhão Especial de Fronteira, em São Gabriel da Cachoeira, coronel Francisco de Assis Brandão, revelou que não poderia mais poupar quem enveredou "pelos caminhos da safadeza", mas não informou se recursos do Calha Norte foram parar também na conta bancária dos dois "falsos líderes".

Baré é contra projetos estrangeiros aqui

O coordenador da Coiab, Orlando Baré, 30 anos, é uma espécie de cria da Igreja Católica na Amazônia e igualmente uma das mais lúcidas lideranças que emergiram politicamente no final da década passada. Em 89, por exemplo, Baré representou o Brasil na III Conferência dos Países Empobrecidos do Mundo, realizado na França, ganhando destaque internacional com denúncias de genocídio contra os lanomamis.

O povo que representa — o Baré — tem uma das trajetórias mais sinuosas da história de 400 anos de colonização da Amazô-

nia. Habitantes originais do Lugar onde foi erguido pelos portugueses o Forte de São José da Barra, em 1669, pelo capitão Francisco da Mota Falcão, à mando da Coroa portuguesa, uma parte dos barés formaram com os Passés, bairns e Manaus as bases constitutivas e étnicas da hoje capital amazonense.

O restante da nação foi subindo cada vez mais o rio Negro para fugir à guerra justa — caçada, empreendida pelos portugueses aos índios visando o domínio total do Mar Dulce descoberto por Orellana. Na fuga, os

barés ultrapassaram as fronteiras brasileiras, concentrando a maioria na Venezuela. Uma parcela pequena baré estabeleceu morada no estirão de Cucuí, no Brasil, onde nasceu Orlando Baré. Sem partido político mas considerando a religião importante dentro das reservas indígenas, desde que seja para "libertar o índio e não aliená-lo", Orlando Baré se diz contrário aos grandes projetos estrangeiros na Amazônia, defendendo um desenvolvimento baseado na industrialização das matérias-primas regionais.